



10 - ABELARDO F. MONTENEGRO

## ABELARDO F. MONTENEGRO

*ABELARDO Fernando MONTENEGRO, filho de Pedro Paulo de Moura Montenegro e de Heloísa Semíramis Montenegro, nasceu em Crateús, no dia 30 de maio de 1912. Seus primeiros estudos foram feitos no Instituto São Luís, de Fortaleza, e nas Escolas Reunidas de Aquiraz. Fez o curso secundário no Colégio Cearense dos Irmãos Maristas, no Colégio Castelo Branco, no Liceu do Crato e no Liceu do Ceará. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1936. Foi funcionário da Prefeitura Municipal de Senador Pompeu, habilitando-se posteriormente como professor do Curso Fundamental de Geografia, História da Civilização e Português, do Departamento de Educação do então Ministério da Educação e Saúde. No começo dos anos 40 foi Promotor de Justiça da Comarca de Jaraguá do Sul (Santa Catarina). Por algum tempo exerceu o jornalismo, primeiramente como redator do jornal O Povo, de Fortaleza e, depois, do jornal O Dia, de Curitiba. Foi ainda Assistente Técnico do Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio, no Rio de Janeiro, vindo depois dirigir a Secretaria da Associação Comercial do Ceará; assessorou ainda o Centro dos Exportadores do Ceará. Exerceu a advocacia nas cidades de Mombaça, Jaguaruana, Russas, Fortaleza, Quixadá, Curitiba e Araranguá, em Santa Catarina. Foi professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFC, e lecionou Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito do Ceará. A Universidade Federal do Ceará conferiu-lhe em 1983 o título de Professor Emérito. É portador de várias condecorações, como a Medalha Santos Dumont, do Ministério da Aeronáutica; a Medalha Comemorativa da Centenário de Clóvis Beviláqua, do Ministério da Educação e Cultura. É ainda detentor do Prêmio de Bibliografia do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana (Rio Grande do Sul) e do Prêmio José de Barcelos da UFC. Obras publicadas: Rui Barbosa e a Revolução Industrial no Brasil (1951), Soriano de*

**Albuquerque, um Pioneiro da Sociologia no Brasil (1952), com segunda edição em 1977; Parlamentarismo, Presidencialismo e Patriarcalismo (1952), Duas teses (1953), O Romance Cearense (1953), Ceará — Tentativas de Interpretação (1953), Tobias Barreto e Machado de Assis (1954), Antônio Conselheiro (1954), Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil (1954), A Ânsia de Glória de Balzac e Outros Estudos (1954), História do Cangacerismo no Ceará (1955), Introdução a Keyserling (1955), O Messianismo Russo (1955), O Elogio do Patrono (1955), Mercantilismo, Comércio Internacional e Bolsas (1955), Variações em Torno da Democracia (1956), A Ciência Política no Brasil e Outros Artigos (1956), Maquiavel e o Estado (1957), Juarez Távora e a Renovação Nacional (1957), A Missão do Economista no Brasil (1957), Nacionalismo Regional (1958), A Corrupção do Trabalhismo (1958), A Praça do Ferreira (1959), Nordeste e Sul: um Confronto (1959), História do Fanatismo Religioso no Ceará (1959), O Homem-Vassoura (1959), O Messianismo Alemão (1963), John Kennedy e a Cooperação Internacional (1964), História dos Partidos Políticos Cearenses (1965), Pontos de Economia Internacional (1967), com segunda edição em 1971; Da Aliança Para o Progresso (1971), e Fanáticos e Cangaceiros (1973). É membro do Instituto do Ceará e de várias outras associações culturais do País, sendo sócio correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, da Academia Paulista de Letras, etc. Colaborou no *Dictionary of Political Science* (1964), editado pelo prof. Joseph Dunner em Nova Iorque, e no estudo *La Mujer en la Sociedad Actual* (1976), publicado em Barcelona, Espanha, pelo Instituto de Ciências Sociais. Participou de diversos congressos nacionais e internacionais, destacando-se o XIX Congresso Nacional de Sociologia no México, em 1976, com tese incluída nos Anais. Tendo merecido elogios de nomes como Adonias Lima, Padre Leopoldo Fernandes e outros, dele disse Luís Sucupira: "Seus estudos já ultrapassam as nossas fronteiras nacionais, como comprova carta do sociólogo francês professor Jean Crocchioni, da Universidade de Grenoble, elogiando um seu trabalho e solicitando outros da autoria do estudioso patricio."**

## SORIANO DE ALBUQUERQUE (trecho)

### O CRÍTICO LITERÁRIO

A literatura cearense contou, inicialmente, com forte orientação. A *Academia Francesa* apresentava críticos da estirpe de Rocha Lima e Capistrano de Abreu. Sofrendo a influência de Comte, Buckle e outros, impulsionados por forças sociais e econômicas, os dois críticos haviam se preocupado com o aspecto sociológico da literatura.

Rocha Lima e Capistrano de Abreu provaram que a literatura é um fato social, assim como reclamaram por não ocupar a literatura um lugar de destaque em nosso país.

Só com Soriano, a crítica voltará a ser compreendida cientificamente. Rocha Lima exigiu lastro sociológico nas obras literárias. E Soriano dedicava o seu melhor tempo ao estudo dessa ciência social.

Iniciando-se em Recife, sob as vistas de Paulo de Arruda, continuou no sul cearense a emitir apreciações sobre o que li. Utilizou a imprensa cariense que muito contribuiu para forjar o seu espírito e manter viva a chama literária. E em 1907, retomando o exercício da crítica, escrevia um artigo sobre o romance contemporâneo.

Examinando a finalidade da crítica, dizia ele: "Penso, porém, que se deve deixar de lado toda essa preocupação individual para se atentar simplesmente à obra considerada em si, preferindo-se às indagações de causas que determinaram o seu aparecimento, o estudo acurado da mesma. E para isto é preciso ter-se em vista as diversas influências de ordem física, vital e psíquica que nela se refletem como produto social, portanto alguma coisa mais do que mero produto exclusivo da mente... Estabeleço pois diferença entre a crítica e a estética, a qual se resume no seguinte: — aquela não pode ultrapassar o critério individual e esta, como ciência sociológica, não pode firmar-se sobre semelhante critério, de acordo, note-se bem, com o modo por que compreendo a sociologia — estudo das formas sociais."

Em 1910, Sílvio Romero enviava-lhe o ensaio "Da crítica e

sua exata definição". Criticando-o, Soriano congratulava-se com o autor que empreendia um trabalho original, pois os mestres do porte de Lessing, Sainte - Beuve, Scherer e Hennequin não haviam tido a preocupação de delimitar o terreno da crítica, nem procurado saber se é uma ciência, uma arte ou um capítulo da estética.

Divergia, entretanto, de Sílvio quanto ao critério da diferenciação entre a crítica e a estética. O sergipano entendia que estamos no domínio da estética, quando diretamente apreciamos dramas, comédias, romances e poemas, quando diretamente estudamos um poeta, um orador, um dramaturgo; e que crítica somente existe na análise dos trabalhos em que são apreciados os produtos artísticos ou estudados os respectivos autores. Não há crítica de um quadro, de um romance, mas somente do que se escreve a respeito desse quadro ou desse romance; a crítica só visa a apreciação da personalidade artística.

Soriano passava, então, a expor o seu modo de pensar. "Penso que a crítica da mesma maneira que a estética pode incidir sobre a obra e a personalidade do artista. A diferença consiste apenas no modo por que uma e outra são encaradas. A estética como ciência estuda a obra da arte, sob o ponto de vista das regras das leis da Beleza, nas suas relações com o social etc. E como a missão do artista é realizar a Beleza, compete ao esteta averiguar se o artista preencheu a sua missão (em geral se confunde esteta com artista o que é um erro) se a sua obra satisfaz às exigências estéticas. O mesmo não sucede com a crítica que se encarrega de examinar o próprio mecanismo da estética, de submeter à análise o próprio conhecimento estético que não podemos separar da obra. O crítico é o filósofo da arte. Todas as vezes que o crítico examina, não faz senão julgar, ao passo que o esteta se limita, como cientista, a constatar fatos, a estudar as suas reações a fim de submetê-las a fórmulas e jamais julga. A crítica assim compreendida visa o que se acha estabelecido pela estética, submetendo a exame os seus processos. Portanto, a função da crítica, conforme o nosso modo de pensar, é mais alguma cousa do que um simples controle de vista alheias, ou melhor, um simples capítulo da lógica. A questão da crítica, em particular, afirmamos em resumo, é a filosofia em geral, é uma questão de valores. A crítica é a filosofia da arte, ao passo que a estética é simplesmente um capítulo da sociologia e tem por objeto os fatos artísticos: e nisso consiste a diferença entre uma e outra."

Soriano fazia questão de combater o titanismo. Criticava, em Almáquio Diniz, "o surgimento do sobre-humano ou do homem águia", que ligava este a sua teoria estética. O indivíduo, sob forma alguma, determinava a direção da atividade social. Achava, porém, que, em história literária, o gênio desempenhava o papel do herói nos poemas antigos.

Apreciando *Os Novos Atenienses*, de Antônio Lobo, ventilava o problema da desconexão entre os fatos sociais de caráter prático (indústrias) e os fatos de caráter ideológico, teórico (artes, letras e ciências), de modo que a prosperidade de uns implicava no depauperamento de outros.

O escritor maranhense observava essa desconexão em sua terra e, por meio dela, explicava o movimento progressista intelectual do Maranhão. Soriano, porém, que podia estudar a questão no Ceará, onde ocorria o mesmo fenômeno, passava por alto e acentuava, apenas, a sua discrepância de A. Coste que, arbitrariamente, dividia os fatos sociais em objetivos e subjetivos.

Soriano, na verdade, continuava o trabalho de divulgação científica iniciado pelos franceses.

Voltando aos temas literários, apresentava-se forrado de conhecimentos sociológicos que imprimiam seriedade a seus artigos em *A República*.

No terreno propriamente literário, a sua evolução da inócua fantasia para a robusta crítica, custou-lhe muito esforço e sacrifício. Mas, ele sabia que a vitória resulta, às vezes, de muitas derrotas. "Quem diz conquista, diz dificuldades mil a vencer. O trabalho, o esforço ingente e o que se encontra sempre precedendo à realização das grandes cousas. Depois, o deleitamento do triunfo, na proporção da energia desprendida."

A exemplo de Rocha Lima, Soriano dava grande importância ao romance como codaquizador da realidade social. Em "Estética do Conto", estabelecia diferença entre conto e romance e definia os objetivos de cada um. Dizia ele: "O conto não é absolutamente uma síntese de um romance, como geralmente se supõe. O que deve preocupar o romancista é a solução de conflitos morais. A função do romance é verdadeiramente social. O conto é antes de tudo um trabalho de caráter psicológico; limita-se à refração do viver social na alma do indivíduo. Por isso é que se não pode exigir no conto ação, a menos que se o não confunda com a novela que considero como um romance em ponto pequeno. O contador é um psicólogo;

o romancista um sociólogo. O romancista estuda meios sociais; o contador simplesmente tipos em que se reflete uma sociedade. Daí não haver, no conto, como deve ser compreendido, propriamente enredo. É uma forma superior da prosa como o soneto é uma forma superior da poesia. Infelizmente, o soneto é a forma de poesia mais cultivada pelo versejador estreante, do mesmo modo que o conto, pelo prosador que se ensaia. E o resultado é vazar o poeta em sonetos, um lirismo piegas que absolutamente não se lhes ajusta, por ser uma manifestação poética inferior, assim como o contador transforma o conto em fantasia que é a mais rudimentar manifestação literária em prosa.

"O conto exige apurado senso artístico, talento de síntese. A tendência da arte moderna é fazer desaparecer esse antagonismo entre o Belo e o Verdadeiro. E para que isto se realize, há necessidade de ser reformado o conceito do Belo que até hoje tem sido encarado unicamente como ideal, quando verdadeiramente o Belo é emocional. Há verdade na beleza e beleza na verdade. Não há beleza sem emoção; e só nos emociona o que nos põe em contato com a realidade. Um quadro que não representa a realidade, não nos emociona. É preciso que seja real, isto é, verdadeiro, o que exprime para ser artístico. O mesmo sucede na arte literária. O conto, o romance e a poesia devem ser uma manifestação vivida da realidade; do contrário não emociona; e o que sendo representado não nos provoca emoção, não pode ser considerado belo. O ideal é criador. E como realizá-lo? Buscando o real. Neste sentido é que convém entender-se a realização do ideal. Quero com isto dizer que o domínio da arte não é o da fantasia. Daí o falso pressuposto que envolve o dístico de Eça de Queiroz — *Sobre a nudez da verdade, o manto diáfano da fantasia*. A fantasia mesmo diáfana, velando a verdade, não pode mais significar a arte. A arte é a vida.

"Eça de Queiroz foi um reacionário na arte literária de Portugal e nisto consiste o seu maior mérito, o que não impediu, porém, que a sua obra ficasse evadida de um certo idealismo que tomou o caráter irônico; e deste difere o idealismo a princípio dominante, simplesmente por ser sentimental ou romântico. Assinala a sua obra uma espécie de transição na literatura portuguesa entre duas épocas distantes, mas a intuição é ainda a mesma dos seus antecessores. O que caracteriza a arte literária antiga era a predominância de tipos ideais sobre tipos reais. O que

deve impressionar o artista contemporâneo são tipos reais, comumente encontrados. Os tipos estudados por Eça de Queiroz principalmente aqueles que exprimem a característica de sua obra, não estão nestas condições. A prova disto é que o lado sério da vida, o que tem uma feição mais geral, escapou ao grande romancista. Encarou os indivíduos especialmente com ironia."

Essa restrição ao Eça como deformador da realidade retratava bem o temperamento de Soriano, a sua seriedade intelectual. A sua moral rígida encarava a defesa da verdade de modo lógico. Não louvava a gargalhada eciana na destruição do erro.

Soriano concordava com Franklin Távora na existência de uma literatura do norte. Dizia que "as obras literárias, especialmente, os romances, devem refletir os aspectos do meio físico ou as tendências da raça ou as particularidades do meio social que lhes dão o colorido, o tom, a característica".

Taine considerava o meio físico, a raça e o momento como condições do aparecimento da obra, sob a dependência das quais se acha o artista. Soriano pensava que tais circunstâncias servem para peculiarizar a obra literária e não para determinar o seu aparecimento. Soriano negava a influência direta do meio físico ou da raça ou do meio social sobre os produtos do espírito, pois este é essencialmente ativo. O romance brasileiro, porém, há de moldar-se à polimorfia do nosso meio telúrico, ético e social.

Em Fortaleza, falecia todo estímulo a qualquer iniciativa literária. Revistas e agremiações brotavam e feneciam com igual rapidez. Frota Pessoa acertava quando asseverava que o meio provinciano é uma compânula de bronze. Só *A República* permanecia invicta, e era fácil explicar a causa de tal longevidade.

Em 1908 e 1909, a *Plêiade* conseguia despertar certo interesse pelas cousas da inteligência. Augusto de Oliveira. Carlos Sá, Hildebrando Acioli, José Silveira, Abner de Vasconcelos realizavam tertúlias às quais não faltava a contribuição de artistas da estofa de Henrique Jorge.

Alfredo Castro, Fiúza de Pontes e Soriano animavam a *Plêiade*.

O ativismo literário de Soriano limitava-se às colaborações em *A República* e às discussões no *Cenáculo*, na Livraria Araújo. Os seus artigos já iam, porém, tendo certa repercussão. O que escreveu sobre o livro de Sílvio Romero motivara um artigo do



padre Leonardo Marcelo no *Jornal do Recife*.

Soriano via que o meio provinciano matava toda produção artística. Frota Pessoa, com razão, enxergava no jornal o único veículo de difusão cultural. Os amantes da literatura só dispunham dele para a propaganda e publicação de suas produções. Oferecia, porém, o perigo de facilitar "uma literatura de fancaria que corrompe o gosto artístico dos leitores e determina a decadência dos escritores". "Depois o poeta que é amanuense do governo não tem guarida no jornal de oposição e o contista que frequenta os salões e namora a filha do chefe político da oposição nunca achará agasalho na folha oficial."

Soriano orgulhava-se de pertencer à esfera dos que realizam as mais alta manifestações do espírito social. Ostentar cultura científica constituía o maior dos brasões. Por isso, como crítico literário, considerava "a primordial condição para ser escritor ter luzes a comunicar".

Servia-se da tribuna da imprensa para difundir a ciência. Acolhia com entusiasmo todo romance de fundo científico, como acontecia com os de Rosny sobre as conjecturas da pré-história. Contestava Brunetière, quando este salientava a oposição entre a ciência feita e a literatura. E, euforicamente, assegurava: "É para o maravilhoso científico que caminhamos e a literatura não é estranha aos renovamentos da ciência. Ante isso não sei se é uma grande utopia pensar, como Lionnet, na possibilidade duma nova forma de literatura."

*De Soriano de Albuquerque, um pioneiro da Sociologia no Brasil, 2. a ed. (1977).*